



HERNANDEZ, Antonio. Fonseca se compromete com selvagerias. O Globo, Rio de Janeiro, 21 ago. 1994.

Fonseca se compromete com selvagerias

ANTONIO HERNANDEZ

“O selvagem da ópera”, de Rubem Fonseca, tem trechos à altura do conceituado romancista, sobretudo no final do pretenso texto básico para um filme. E tem descuidos inexplicáveis, a não ser se atribuídos à heterogeneidade da equipe que teria substituído eventualmente o autor. E é de lamentar a ausência de alguém do ramo do protagonista, capaz de aliviar a impropriedade do uso da terminologia específica da música e o absurdo

de certas circunstâncias: o jovem compositor com voz de soprano (seria contratenor ou talvez cantasse em falsete?); o duelo de “dó de peito” entre tenor e barítono; a velocidade qualificando o ritmo. E ainda a utilização selvagem de palavras (contraponto, contrasujeito, partitura... quase sempre em italiano) e de expressões (“músicas clássicas ligeiras...”). Quem escreveu não tem a menor familiaridade com a arte de “O selvagem da ópera”. De interesse musical, o livro não tem mais que as citações de críticas da época e da correspondência, cuja autenticidade

é fácil de comprovar na velha publicação do Itamaraty. Salvam-se os resumos dos libretos e as verdades históricas, quando separado o joio do trigo. Entre as ervas mais daninhas, além da apelação para recursos eróticos e pornográficos, estão a invenção do assassinato da mãe de Carlos Gomes pelo pai dele e o uxoricídio que, por fatalidade genética, quase cometeria o compositor. Teria sido melhor adaptar aquilo tudo a um pintor imaginário. **Spartito e contrasoggetto** dariam lugar então a quadro, modelo, tinta e pincel.